

José Carlos Oliveira

"O BEM-AMADO"

Paulo Alberto (Artur da Távola) tocou no ponto fundamental. O sistema de TV a cores no Brasil é ainda uma criança. Mas a TV Globo, essa fábrica febril, para não dizer alucinada, na qual os lucros são meticulosamente planejados em função de produtos de rendimento problemático; essa usina cujas improvisações, tramadas sob angústia e urgência, terminam por merecer o nome know-how — a TV Globo apostou na telenovela colorida e ganhou. Basta lembrar que a Censura está aí, catando ofensas e ameaças, para reconhecer que O Bem-Amado representa uma prodigiosa vitória do canal 4. E quem já trabalhou em novela (meu caso) se vê simplesmente embaçado diante dessa aventura. A cor põe problemas muitos claros e difíceis diante do maquilador, do figurinista e do cenógrafo; ao mesmo tempo, são múltiplos que se movimentam, entre astros e figurantes, e há um buraco aberto às 10h da noite, devido de capitulos. Esses fatores conjugados anunciaram um retumbante fracasso que surpreendentemente não aconteceu, tanto que O Bem-Amado é agora produto de exportação.

Quando Zeza Diabo leu no jornal que Odório tinha sido o responsável por sua prisão, imaginei que ele ia assustar o Prefeito com tiros de pólvora seca. A morte de Odório Paraguaçu não estava nos meus planos. Assim, fiquei sentido quando Zeza o fuzilou com balas de verdade. O herói interpretado por Paulo Gracindo em momento algum me pareceu anti-herói; era meio safoado, reconheço, mas sincero em suas anticonvenções, excelente pai de família — e, afinal de contas, foi o homem que trouxe a morte para o âmbito de suas responsabilidades municipais. Merece estátua em Sapucaia.

(Um momento para os nossos comerciais. Aquela mulherzinha loura está crocando um biscoito e dizendo: "E' leve! é leve!" A voz dessa mulher me perturba, pois tem uma qualidade lânguida, rouca e submissa. Parece a voz do aeroporto de Oly. Quem souber o telefone dela é favor me comunicar.)

Palmas também para a trilha sonora de Vinícius e Toquinho. Palmas para a pungente contensão de Sandra Bréia, a presença adorável de Maria Cláudia, a magistral atuação de Zilca Saladerry. E não esqueçamos a trilha sonora de Vinícius e Toquinho. Doravante o poeta há de figurar, por merecimento, entre os Novos Babilônios...

Dias Gomes levou para a televisão um aparato linguístico que só encontra equivalente na estupenda linguagem carioca, de tessitura arcaica, que Nelson Rodrigues fundou no teatro. A comparação com Guimarães Rosa não faz sentido. Também me parece resultante de mera preguiça a aproximação, reiterada, com os escritos de José Candido de Carvalho — pois este, o que faz é inventar sem descaçar uma linguagem cujo encanto reside em sua deliberada artificialidade. O Bem-Amado, no entanto, foi concebido desde o princípio, nas imagens e nas palavras, como estrutura aberta, ou seja, tanto Paulo Gracindo quanto Lima Duarte tinham o direito de inventar por conta própria. E essa aliás a vantagem que a telenovela leva sobre o teatro filmado: nela, o imprevisto, o lampejo e até a hesitação são chamados a enriquecer o texto e as intenções do autor. De outra forma não se poderia enxertar em sua trama a deliciosa vinheta do confessorário violado — uma alusão que o público identifica imediatamente, pois vinha em cima do escândalo de Watergate.

Contato Italiano

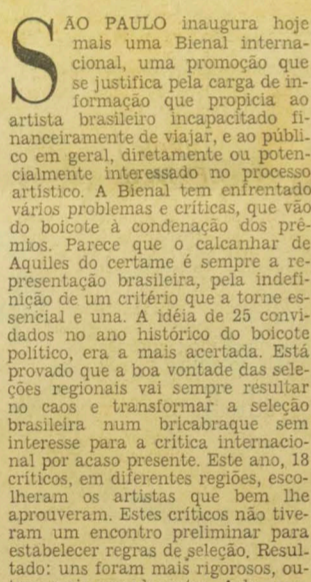
A representação italiana para a XII Bienal de São Paulo foi constituída de forma a conseguir, em contato mais ativo entre a obra criada e o público. Esta linha de participação vem crescendo lentamente há vários anos e neste, mesmo na representação brasileira, é uma preocupação central. Nessas condições o tema central da sala italiana, composta de oito artistas, será arte/comunicação, tema que surgiu na mesa-redonda de críticos de arte realizada em São Paulo em outubro de 1971. Os artistas italianos presentes à XII Bienal de São Paulo são: Vincenzo Agnetti (uso da expressão linguística para derrubar significações convencionais), Mário Bologno (a obra ligada a uma destinação

Por curiosidade, vamos devolver a trama central dessa comédia à sua origem popular. Penso que foi nessa fonte que Dias Gomes bebeu. Desde criança ouço falar num prelo mitológico que houve em Guarapari, o qual abusava do bestialógico. Posso imaginá-lo como um Odório Paraguaçu em feição canhestra quando em praça pública lançava a sua mais conhecida arenga:

— Guarapari, país calmoso e hereditário! Terra onde Deus cuspiu! Para inaugurar o cemitério, foi preciso pedir defunto emprestado em Benevente, e até hoje não pagamos!...



OBRA DE ROBERT KNIGHT: GRA-BRETANHA



MÉXICO. PINTURA DE CARLOS GARCIA PONCE

prática implícita), Mirella Bentivoglio (a palavra como imagem), Pino Paolo Calzolari (espaço com vários elementos em relação mais ou menos direta, tendendo ao espetáculo), Amalia del Ponte (espaço arquitetônico nos quais o objeto plástico atua como elemento de animação sob efeito da luz), Giulio Paolini (a estrutura da obra como evidência documental, o espaço exigindo a intervenção ativa do contemplador), Pino Trivaglia (participação pela edificação de uma estruturação grá-

O estímulo aos movimentos interdisciplinares é o mais justo e necessário. A seleção rigorosa, em qualquer sentido, é inevitável, pois não estamos diante de uma promoção comercial mas demonstrativa do esforço das milícias do espírito em contrapor-se ou denunciar as contradições flagrantes de uma era de progresso e transformação.

CONTATO ITALIANO

A representação italiana para a XII Bienal de São Paulo foi constituída de forma a conseguir, em contato mais ativo entre a obra criada e o público. Esta linha de participação vem crescendo lentamente há vários anos e neste, mesmo na representação brasileira, é uma preocupação central. Nessas condições o tema central da sala italiana, composta de oito artistas, será arte/comunicação, tema que surgiu na mesa-redonda de críticos de arte realizada em São Paulo em outubro de 1971. Os artistas italianos presentes à XII Bienal de São Paulo são: Vincenzo Agnetti (uso da expressão linguística para derrubar significações convencionais), Mário Bologno (a obra ligada a uma destinação



LUIZ DIAZ, COMISSÁRIO E ARTISTA DA GUATEMALA



MÉXICO. PINTURA DE CARLOS GARCIA PONCE

fica) e Giancarlo Zen (objetos ambientais com certa ambiguidade sensorial: o que era leve parece pesado, o rígido parecendo elástico, etc.).

OBRAS PARA MANIPULAR

A Espanha, participando sempre com grande brilho e tendo conquistado em 1971 o grande prêmio da Bienal comparece este ano com vários artistas e propostas, das quais se destaca o gigantesco tablado de xadrez, de 64 metros quadrados e 32 peças variando de 1,35 a 1,80 metros de altura. A obra é de Juan Gomez Soubrier e Juan Carlo Martin Garcia. Há ainda os tapetes/cortinas/esculturas de Aurelia Muñoz e o cofre/escultura de Berrocal. Andrés Clillerio recia figuras nas quais certas recordações do seu passado determinam um clima misterioso e vagamente erótico. Luiz Luz son tãtil, num elogio ao mundo da tecnologia. Julian Martin de Vidales pesquisa a velha técnica artesanal espanhola. Dario Villalba, cuja esplêndida obra vimos nas últimas Bienais de Veneza e de Paris, trabalha com grandes frascos de plástico móveis, atuando como muro invisível, cárcere involuntário de certos personagens. O selecionador da representação espanhola é o conhecido e eficiente crítico Ceferino Sandoval.

MULTIPLICIDADE DOS MEIOS DE EXPRESSÃO

A sala japonesa na XII Bienal de São Paulo pretende exprimir o fotografado e o refotografado, o impresso e o reimpresso, o copiado e o reconido, através de sete artistas. Explica o comissário da mostra ja-

ponesa, Yutoko Nakahara, que cada um dos sete artistas busca a própria estrutura de um meio de expressão. Kanji Wakae procura exprimir as relações entre a coisa que se torna objeto da fotografia e o que é fotografado. Tetsuo Kawaguchi procura destacar o caráter fúsculo da foto expondo, em contraste, duas fotografias (as imagens procuram não o que mostrar mas como mostrar). Jiro Tamatsu e Satoshi Sato objetivam levar mais uma vez para a foto o que havia sido fotografado. Chihito Shitomani imprime em objetos além do papel (superfície de montes, terra, folhas de vegetais, rochas e até mesmo sobre a água). Kunichi Sma procura imprimir mais uma vez num objeto já impresso, obtendo uma obra tridimensional. Eisutomu Kashihara apresenta-se com uma sequência complexa de objetos copiados e recopiados, alternando-se progressivamente a imagem.

INGLATERRA VEM NUTRIR

Quinze artistas integram a representação da Inglaterra na XII Bienal de São Paulo. A seleção foi organizada pelo ultracritico inglês Sheldon Williams que tem, estanhamente, elogiado tudo quanto aparece de brasileiro por terras inglesas, o que o torna, indubitavelmente, um amigo cego do Brasil. Esperamos que, para com seus artistas, Williams tenha sido um pouco mais rigoroso, para não quebrar a linha de grande estilo de contemporeidade da Grã-Bretanha em nossa Bienal. Des ingleses, David Medalla e John Dugger dão outro conceito urbano rural à arquitetura com conotações estéticas; Annie Fayer apresenta uma escultura culinária, um bolo (não é novidade, pois há três salões nacionais uma artista local, há na obra, Rosa, brindou o público com um maravilhoso porco assado, que foi devorado na hora); David Wedburg focaliza a crônica social, enquanto Chris Orr faz asseverações sociológicas em suas gravuras e John Holman apóia-se em motivações sexuais de nossa época. Charles Knight procura teorizar público o comportamento secreto de uma grande parte do público em geral, apresentando o mundo íntimo das pessoas; Aubrey Williams trabalha a remota tradição africana, filtrando-a através das épocas até os nossos dias; Henri Chopin traz poesia concreta e auditiva; Ian Breakwell traz fotografias de imagens contemporeas criadas de novas visões; John Dee apresenta ambientes com jogos de luz; Alan Green, com pintura e tela, apresenta uma não figuração baseada em princípios programados. Outros integrantes desta representação: Anthony Benjamin (litografias), Silvia Guirel e Paolo Serra (pintura), Penny Slinger (fotocollagens com cores).

KANDINSKI

A grande atração da XII Bienal de São Paulo será a sala dedicada a Kandinski, pela primeira vez em exposição na América. Do Sul, Vinte e duas telas de Kandinski, elaboradas entre 1908 e 1944, integram a sala especial, compondo a representação da França que constará igualmente de obras de seis outros artistas. A sala Kandinski foi organizada pelo crítico Jacques Lassaigne e será a sala especial, compondo a representação da França que constará igualmente de obras de seis outros artistas. A sala Kandinski foi organizada pelo crítico Jacques Lassaigne e será a sala especial, compondo a representação da França que constará igualmente de obras de seis outros artistas. A sala Kandinski foi organizada pelo crítico Jacques Lassaigne e será a sala especial, compondo a representação da França que constará igualmente de obras de seis outros artistas.

BIENAL DE SÃO PAULO, UM LABORATÓRIO VIVO



PELE A PELE. EQUIPE VENEZUELANA

"MADE IN CHICAGO"

Quinquenta e seis obras de arte selecionadas pelo Museu de Arte Contemporânea de Chicago, representarão os Estados Unidos na XII Bienal de São Paulo. Os artistas são Roger Brown, Edward Flood, Philip Hanson, Gladys Nilsson, James Nutt, Edwaer Paschke, Kerig Pope, Christina Ramberg, Barbara Rossi, Carl Virsum, Ray Yoshida, H.C. Estermann. Para Don Baum, comissário da exposição norte-americana, Chicago tem sido um dos centros mais vivos dos Estados Unidos, desde a Segunda Guerra Mundial, em matéria de criação de novas e importantes formas de arte. Made in Chicago será apesar disso a primeira grande apresentação daquela cidade norte-americana em uma exposição internacional fora dos Estados Unidos.

O DESAFIO AO PENSAMENTO

Três artistas apenas representarão a Alemanha na XII Bienal de São Paulo. E a Alemanha não brinca em serviço. Vejamos: Hans Dabowentz, com sistemas numéricos repousando seu princípio no método matemático da adição horizontal, que ela aplica cronologicamente, de compondo cada número combinado em algarismos isolados que são então somados. Erwin Heerich, outro artista da representação alemã, explica sua posição "para mim, plástica é a produção de um corpo, cuja origem indica um sistema de organização relacionado consigo mesmo; a inconsistência do material não é importante, pois a duração da obra não se situa no domínio da concretização e sim no da idéia". A observação humana das estruturas básicas, físicas e psíquicas, é o ponto de partida, além de temas, dos trabalhos de Klaus Rinke. Evelyn Weiss, comissária da Alemanha nesta Bienal, explica sua seleção: "o que me levou a expor suas obras juntas foi uma comparável qualidade intrínseca das mesmas, e também a busca expressa de cada um delas pela regularidade, pela norma, pela sistematização. A consequência imediata a ser vista na sala da Alemanha, será a rejeição de uma experiência apenas retinal do ambiente, a rejeição da arte como representação puramente ilusionista."

O NÃO CONFORMISMO

Dois artistas representam a Áustria na XII Bienal de São Paulo. Jürgen Messense tem como tema a figura humana e objetos de interiores. Em estilo abstratizante e equilibrado, de simbolismo um tanto herméutico, obriga o espectador a ativar sua capacidade de ver e a sua necessidade de interpretação. Harman J. Paintz apresenta "retratos estatísticos". Contrastando com o retrato convencional, sua obra utiliza a fixação das exterioridades características — explica Peter Baum (delegado austriaco junto à Bienal) —

aparências, sendo considerado o pioneiro e um dos principais fundamentos da arte abstrata. As obras que figuram nesta sala são de propriedade da Sra. Nina Kandinski (viúva de Kandinski), do Museu Nacional de Arte Moderna de Paris e da Galeria Maeght.



JIM NUTT, DA REPRESENTAÇÃO NORTE-AMERICANA

o artista escolhe o procedimento e a atividade do ser humano, os resultados de uma escolha política ou um extrato da literatura mundial, com motivação para retratar. Erwin Reiter, escultor, partindo de formas fortes, geralmente barrocas, chega a uma quase total abstração em aço, cromo, níquel, bronze e alumínio. Reúne, em sua dinâmica espacial, elementos curvos. O resultado é uma expressão moderna com certas tendências para o arcaico.

ABSURDO E IMAGINAÇÃO

Dois artistas australianos representam a Austrália na XII Bienal de São Paulo: John Armstrong e Jan Senbergs. Armstrong expõe o humor, mas não um humor exultatório. O gracejo pelo gracejo, um exercício de talento para a invenção cômica. Senbergs, antes abstracionista, utiliza hoje material



O ENCARCERADO DE VILLALBA — ESPANHA NA BIENAL

WALMIR AYALA

A arte em comunicação

Sob o tema arte/comunicação, uma forma de dar um estilo uniforme e de integrar tendências, inaugura-se a Bienal de São Paulo que, pela décima segunda vez reúne as artes plásticas de quase todo o mundo. Ao todo são 58 países que, nem sempre mantendo-se dentro da temática proposta, mostram os rumos (às vezes indefinidos) do movimento plástico. O gigantismo da promoção, ao mesmo tempo que estimula as grandes (e tradicionais) representações — os países mais desenvolvidos — a enviar obras e artistas de grande valor no mercado internacional, impede que representações menores alcancem maior fôlego. O comissário da Costa Rica, por exemplo, afirmou que "não tem dinheiro para voltar a seu país e muito menos para renovar as obras". No depoimento de outros comissários, um panorama desta promoção que iniciou em 1951 mantém-se — apesar das críticas e boicotes — como uma das mais importantes no setor das artes plásticas.

fotográfico explodido pela ampliação, passando através de processo aerográfico para a pintura. Essa introdução de imagens precisas, possibilita um jogo livre, de múltiplas facetas, altamente imaginativas.

AMÉRICA CENTRAL

Oito países da América Central estarão participando da XII Bienal de São Paulo: México, Guatemala, Costa Rica, Antilhas Holandesas, República Dominicana, Porto Rico, El Salvador, Trinidad-Tobago. O México é representado por Fernando Garcia Ponce, cujos trabalhos, na opinião do crítico de arte Salvador Elizondo "erguem-se como fronteira entre dois abismos: o da sensibilidade do espectador e o da intenção do artista". A representação guatemalteca será composta de Margot Fanjul (premiada com menção honrosa na X Bienal de São Paulo) e que traz seus bonecos-esculturas; Luiz Diaz Andiana, arquiteto, com uma sala especial, de natureza ambiental; Rolando Xicara, índio, apresentará uma série de gravuras intituladas Reportagem 73. A República Dominicana envia trabalhos de cinco pintores; Soucy de Pellerano, investigando os mistérios das placas radiográficas; Candido Bido, exaltando o lirismo nativo e dando maior ênfase aos valores gráficos e pictóricos; Ramon Oviedo, com linhas retas, verticais, horizontais e oblíquas, em rigorosa composição; Guillo Perez, sugestão de retorno às ruínas e aos monumentos coloniais; Guillo Perez, sugestão de retorno às ruínas e aos monumentos coloniais; Guillo Perez, sugestão de retorno às ruínas e aos monumentos coloniais; Guillo Perez, sugestão de retorno às ruínas e aos monumentos coloniais.

ABSURDO E IMAGINAÇÃO

Dois artistas australianos representam a Austrália na XII Bienal de São Paulo: John Armstrong e Jan Senbergs. Armstrong expõe o humor, mas não um humor exultatório. O gracejo pelo gracejo, um exercício de talento para a invenção cômica. Senbergs, antes abstracionista, utiliza hoje material

Por esta breve e parcial informação do conjunto de propostas, pode-se dizer que o verdadeiro modernismo brasileiro, sem rancor e sem revide artificial, só se concretizou como exemplo das Bienais Plásticas, que trouxeram a seu tempo a informação da comunicação e da cidadania. Uma visita à Bienal de São Paulo, recomendável sob todos os aspectos, equivale à entrada num mundo misterioso, por vezes difícil de entender, por outras agressivamente repulsivo, mas sempre povoado de germes de vitalidade espiritual, a única que pode configurar o homem na história de sua passagem pelo ciclo das civilizações.

Procurando se enquadrar no tema proposto, o comissário japonês Yutoko Nakahara reuniu sete artistas que apresentam, como ele mesmo diz, "a multiplicidade dos meios de expressão que caracteriza a sala do Japão nesta Bienal, pois a área de expressão de arte cresceu muito nos últimos anos, tornando-se quase impossível distinguir os limites entre o artístico e o não artístico."

Os sete artistas — prossegue Nakahara — embora diferentes entre si, têm como denominador comum esta multiplicidade de formas de expressão, escolhendo um determinado meio, que pode ser a fotografia, o impresso ou a cópia, deixando clara a vantagem do uso do próprio meio.

O comissário da Espanha, Ceterino Moreno Sandoval também acredita que o mundo da arte é indeterminável, a ponto de "acomodar todas as possibilidades de imaginação, tendo como única condição a intencionalidade artística."

A arte da Espanha é antes de tudo lídica.

Sheldon Williams, comissário da Inglaterra, fez uma seleção baseada no desenvolvimento atual da arte da Grã-Bretanha, incluindo gravuras, quadros, tapes, posters, poemas e até mesmo um bolo gigante.

Howe a decisão tomada pela mesa-redonda de Críticos Internacionais de Arte, reunidos por Ciccillo Matarazzo em 1971, quando se elaborou, depois de cuidadosa deliberação, oito linhas básicas para a possível escolha de trabalhos e artistas para a organização da XII Bienal, excluindo-se um grande número de nomes obsoletos. Os oito quesitos propunham uma maior responsabilidade com o exemplo das Bienais Plásticas, que trouxeram a seu tempo a informação da comunicação e da cidadania. Uma visita à Bienal de São Paulo, recomendável sob todos os aspectos, equivale à entrada num mundo misterioso, por vezes difícil de entender, por outras agressivamente repulsivo, mas sempre povoado de germes de vitalidade espiritual, a única que pode configurar o homem na história de sua passagem pelo ciclo das civilizações.